

## DIRETAS JÁ ERA: A ESTRATÉGIA DE REDEMOCRATIZAÇÃO DE HENFIL ATRAVÉS DAS CARTAS DA MÃE

Márcio Malta\*

*"D. Maria,  
Pode deixar. Eu sei falar com modos.  
A senhora sabe que eu sempre fui muito  
jeitoso para falar as coisas nas piores situações.  
Não vou criar problemas pra mim,  
não. Pode ficar sossegada.  
O que eu tenho a dizer para os militares é um negócio  
que interessa muito a eles e demais a nós.  
Alguém tem que dizer.  
(HENFIL, 1981a, p. 42)"*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa a transição do regime civil-militar para a democracia através das "Cartas da mãe" publicadas pelo cartunista Henfil na revista "Isto é". O recorte temporal compreende os anos de 1981 a 1984, período que compreende a produção em questão e registra a época em que se deu a referida transição.

O trabalho por ora apresentado se constitui em um resumo da tese de doutorado "Um desenho da transição: a estratégia de redemocratização de Henfil através das Cartas da mãe", defendida no mês de setembro de 2012, no Programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense (PPGCP-UFF).

O objetivo central da pesquisa foi acompanhar pelo olhar de Henfil os esforços da sociedade civil e política para restituir a democracia no Brasil, percorrendo desde a luta pela anistia, o movimento pelas Diretas já e a eleição do Presidente da República Tancredo Neves através do Colégio Eleitoral.

Por meio da conjugação de referenciais teóricos, históricos e o uso de fontes primárias, o trabalho se debruça sobre a maneira conservadora que se deu a transição brasileira, utilizando categorias analíticas e o discurso gráfico e verbal construído por Henfil nas "Cartas da mãe". São utilizados conceitos como o de cultura política e da "história vista de baixo", na perspectiva de demarcar no caso brasileiro uma propensão das elites brasileiras à conciliação e uma construção da história pela ótica das personalidades. A pesquisa busca ressignificar o papel de atores políticos, muitas das vezes esquecidos, ou relegados a planos secundários, ao trabalhar noções como a de memória e esquecimento.

A estrutura do artigo em tela se delineia da seguinte forma: além da introdução por ora desenhada, o trabalho é composto por uma breve apresentação da biografia do cartunista Henfil e de sua mãe, D. Maria. Por último, optou-se por incluir a seção final da referida tese de doutorado, "Diretas Jaz", assim como as conclusões da pesquisa, intitulada aqui como considerações finais.

## 2. HENFIL

Henfil nasceu em 1944, nos anos finais da Segunda Guerra Mundial, época em que o estado de Minas Gerais passava por uma etapa de largo desenvolvimento, ao ser governado por Juscelino Kubistchek, que posteriormente viria a ser Presidente da República.

A ida da família para Belo Horizonte, ainda recém-nascido, seria decisiva nos rumos que a vida de Henfil ganharia. A capital mineira fervilhava culturalmente, com a fundação de cineclubes, artistas despontando no campo da música e o engajamento político da juventude era uma constante na época. Todo cenário era propício para o desenvolvimento social de um jovem. Além da realidade local, acrescenta-se que no período da adolescência de Henrique, a juventude era influenciada de sobremaneira pelos acontecimentos que irradiavam pelo mundo afora, sendo talvez o de maior destaque a Revolução Cubana, de 1959, feita por jovens como eles e em um país de localização próxima, nas Américas, trazendo consigo sonhos e utopias de transformação social.

Na adolescência, Henrique frequentou o Centro de Estudos Cinematográficos (CEC), fundado por seu irmão Herbert de Souza. A influência do irmão mais velho foi inegável. Pelas mãos dele, participou ainda dos encontros promovidos pela Juventude Estudantil Católica (JEC). Esta vivência seria de oportunidade inestimável, afinal de contas foi em um periódico da JEC, o jornal "Resmungo", que publicou seu primeiro cartum, aos 17 anos.

Betinho também seria decisivo ao conseguir o primeiro emprego para Henrique, que seria decisivo na transformação de sua vida em questão de meses. Em 1962, o jovem passou a exercer a função de revisor da revista "Alterosa", que havia sido recuperada de uma má fase a com a injeção de recursos do banco Nacional. Para o cargo de novo diretor foi designado o escritor Roberto Drummond,<sup>1</sup> uma das pessoas que Henfil mais tarde chamaria de "bruxas", daquelas que atravessam seu caminho de maneira marcante.

---

<sup>1</sup> O escritor e jornalista Roberto Drummond (1933-2002), publicou seu primeiro livro em 1971: "A morte do dj em Paris". Na década de 1990 publicou o seu livro de maior sucesso, o romance "Hilda Furacão".

De personalidade irrequieta e sem conhecer os meandros do ofício de revisor, Henrique matava o tempo desenhando piadas pornográficas com o fim de entreter os funcionários da oficina gráfica. Despertado por toda sorte de erros gramaticais que eram negligenciados pelo novo revisor, o editor Drummond foi à oficina checar quem era o funcionário relapso. Ao descobrir que era o irmão de Betinho o responsável, chegou à conclusão de que não o poderia demitir, pela deferência que nutria pelo amigo. Descobriu por fim, o motivo de tantas falhas, pois um dos tantos desenhos de conotação erótica chegou às suas mãos.

O revisor Henrique foi então chamado para a sempre temível conversa com o patrão. Drummond lhe fez um desafio: ganharia um salário dez vezes mais alto, contudo teria de desenhar cartuns que seriam publicados já no primeiro número da revista. Desse encontro surgiu o pseudônimo do cartunista. Ao perguntar como Henrique assinaria os seus desenhos, Drummond recebeu a resposta de que assinaria como Souza (em homenagem ao pai, que falecera recentemente). O diretor recusou a proposta, vaticinando: assinaria Henfil. Uma corruptela a partir das iniciais do nome Henrique Filho.

Na revista "Alterosa" surgiria um traço marcante na produção de Henfil: a criação de personagens. Por encomenda do editor Roberto Drummond, Henfil desenhou os fradinhos Cumprido e Baixinho. Auxiliou na composição dos bonecos a experiência com a ordem católica dos dominicanos, que tem como uma de suas características o voto de pobreza. O convívio com os frades dominicanos possibilitou a Henfil compreender a importância da religião como práxis social, em que a ação é mais importante do que a pura contemplação.

Com o golpe de 1964, a revista "Alterosa" encerraria as suas atividades no mesmo ano, levando Henfil ao desemprego. Outro forte impacto na rotina do cartunista seria a entrada de Betinho na clandestinidade. O golpe pode ser traduzido como uma ação contra as reformas sociais e econômicas populares, acrescido à ação repressiva contra a politização das organizações dos trabalhadores, tanto no campo quanto nas cidades. A ditadura pôs freio a um contexto teórico e filosófico em que um amplo debate cultural se agitava em todo o país.

Segundo o historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva, o caso brasileiro não deve ser visto de uma maneira isolada do contexto internacional em questão, pois:

Assim, entre 1945 e 1964, inúmeros golpes, deposições de presidentes, pronunciamentos e quarteladas são produzidos por uma baixa oficialidade extremamente politizada e fortemente envolvida no clima de anticomunismo típico da guerra fria. Neste sentido, desempenha um papel central a criação e a atuação da Escola Superior de Guerra, a ESG, centro de formulação e planejamento de um regime militar capaz de

regenerar a nação. Daí emanam os princípios básicos que constituirão a ideologia da segurança nacional, fundamental na constituição da ditadura de 1964 e de forte impacto sobre o continente (SILVA, 2003, p. 249).

A marca de tal regime foi o rompimento da legalidade jurídica, suprimindo direitos por meio da promulgação de diversas leis de exceção denominadas Atos Institucionais (AI). O regime ficou marcado pela supressão de muitos direitos sociais, individuais e constitucionais, assim como das liberdades democráticas, golpeadas duramente. Em termos comparativos com outros regimes militares latino-americanos, o brasileiro foi de longa duração, pois foram vinte e um anos sob o signo da espada associada ao grande capital alienígena e aos seus sócios nacionais. A vida profissional de Henfil, como já observamos, foi pautada integralmente pelo cenário político deste regime.

Quase como seguindo os passos do irmão Betinho, ainda no agitado ano de 1964, Henrique iniciou o seu curso de Sociologia na Faculdade de Ciências Econômicas, da Universidade de Minas Gerais.<sup>2</sup> (curso que fazia parte da Universidade Federal de Minas Gerais, que só passaria a ser assim chamada no ano de 1965). A dúvida entre qual carreira seguir, a sociologia ou o desenho de humor ocupou a mente durante um bom tempo. Em princípio mais inclinado pela carreira acadêmica, acabou por decidir, como já é sabido, viver do cartum.

Porém, as incertezas acerca da consecução de um novo emprego não persistiram por muito tempo. Cerca de um mês após o fechamento da revista "Alterosa", teve início, no final de janeiro de 1965, a colaboração de Henfil no segundo caderno do jornal "Diário de Minas". Uma antologia com esta produção resultou na publicação do primeiro livro de charges, intitulado "Hiroshima, meu humor". O título é uma paródia ao então famoso filme de Alan Resnais "*Hiroshima, mon amour*" (1959).

No início de 1967, Henfil recebeu convite para colaborar no "Jornal dos Sports", em sua edição mineira. Os desenhos vinham fazendo parte da coluna "Dois Toques", feita a quatro mãos com Márcio Rubens Prado. Nesta contribuição já se enxerga a inclinação de Henfil para uma produção pautada em termos sociais, pois estilizou as torcidas com base em suas diferenças sociais. Alcinhou a torcida do clube Atlético Mineiro de Urubu e construiu o duelo com a elitista torcida do Cruzeiro, apelidada de refrigerados. Ainda em 1967, por conta da repercussão de suas charges, foi convidado pelo jornalista Jofre Rodrigues – filho do dramaturgo Nelson Rodrigues – a se transferir para a edição fluminense do "Jornal dos Sports". Ao trabalhar na edição carioca do "Jornal dos Sports" se notabilizou ao criar em suas charges novos mascotes para os clubes, o que lhe conferiu grande popularidade. No lugar dos

---

<sup>2</sup> Somente no ano de 1965 a universidade passou a se chamar Universidade Federal de Minas Gerais.

personagens estrangeiros que representavam os times, passaram a constar representantes dignos da realidade dos clubes.

A torcida do flamengo era insultada pela do botafogo e principalmente pela do Vasco como de urubu, porque era composta em sua maioria de negros. O chargista se valeu do insulto à torcida do flamengo para recriar o personagem Urubu (utilizados pela primeira vez em Minas Gerais). A torcida, a princípio contrariada, acabou por reivindicar o apelido e inverteu a situação do preconceito racial, assimilando pelo humor o mascote. Os personagens dos demais clubes também foram esboçados de acordo com posição social de seus torcedores. Acompanhe nas palavras do próprio humorista como se deu essa bem sucedida inovação:

Comecei a ir ao maracanã e descobri que a torcida do botafogo xingava a do flamengo de urubu. Então já tinha um personagem pronto. Já a torcida do Vasco era chamada de bacalhau pela do flamengo, por causa dos portugueses. A torcida do fluminense era gozada porque tinha muito cara empoadado, zona sul, caras mais ricos. Eles eram chamados de pó de arroz (HENFIL, O Grilo, p. 41).

Para completar a relação dos principais clubes cariocas, Henfil realizou votação com os leitores e batizou a torcida do Botafogo de Cri-cri, por conta de sua chatice. Nem mesmo a torcida do América passou incólume, sendo batizada de Gato Pingado, posto que era muito pequena.

No Rio de Janeiro, Henfil colaborou ainda com o suplemento Cartum JS, capitaneado pelo cartunista Ziraldo Alves Pinto e encartado aos domingos no mesmo "Jornal dos Sports". Foi o responsável também pelas charges publicadas na terceira página do periódico "O Sol", jornal alternativo de curta duração. A importância do periódico se deu pelo seu caráter experimental, conjugado com os nomes gabaritados do jornalismo brasileiro que possuía em seus quadros. Apesar de efêmera, a publicação teve grande influência e importância na história da imprensa brasileira.

Em 1969, abriu-se uma nova janela não só para os seus trabalhos, mas uma publicação que seria um marco na resistência à ditadura: o jornal "O Pasquim". A nova publicação se enquadrava em um tipo de imprensa que ficou conhecida como "alternativa". Segundo Rivaldo Chinem, a "Imprensa Alternativa", se constituiria como um jornalismo de oposição e inovação, sem concessões a governos e ao sistema empresarial, como no caso da grande imprensa (CHINEM, 1995).

Em 1975, no número 300 de "O Pasquim", teve fim a censura prévia (instituída em 1970), em que malotes com as matérias tinham de ser despachados para Brasília a fim de serem aprovados. A partir daí passou a imperar um mecanismo ainda mais danoso para os

artistas: a autocensura. Mais do que a censura propriamente dita, a autocensura também era um aspecto limitador da obra. Fazia com que o próprio autor se castrasse, maneirando nas críticas pelo receio da edição ser recolhida de circulação caso desagradasse às autoridades de plantão. Foi nas páginas de “O Pasquim” que surgiu das mãos de Henfil um de seus personagens mais polêmicos, o Cabôco Mamadô, que estreou em 1972. Em um cemitério atípico, o Cabôco só enterrava pessoas que estavam vivas. O cartunista utilizou a situação para criticar personalidades públicas, que no entendimento de Henfil, haviam colaborado de alguma forma com a ditadura. O Cabôco Mamadô tinha como cúmplice o Tamanduá, bicho que sugava cérebros de suas vítimas para conhecer os pensamentos mais escondidos.

Henfil demonstrou por diversas vezes possuir desprendimento financeiro, pois contribuía com as famílias de diversos militantes presos ou desaparecidos. O cartunista colaborou com sua cunhada Gilse, escondendo-a sempre que foi preciso e se responsabilizando pela criação de sua filha Juliana enquanto a mãe estava presa. Auxiliou seu cunhado, Gildásio, que foi sequestrado e preso acusado de militância comunista. Ajudou seu irmão Betinho quando no exílio, enviando-lhe malotes de dinheiro para as embaixadas pelas quais ele passava em sua peregrinação para fugir às restrições que lhe eram impostas em diversos países e as conseqüentes agruras do dia-a-dia de um perseguido político.

Além do plano familiar contribuía financeiramente para organizações clandestinas que combatiam o regime civil-militar. Financiou com recursos próprios a confecção de inúmeros panfletos contra o regime. Entre outras ações, doou uma linha telefônica, item precioso e raro à época, para a associação de jornalistas de Natal, quando de sua estadia no Rio Grande do Norte.

A lista de personagens criados por Henfil é extensa. Passa pelos dois fradinhos; a turma da caatinga, composta pela Graúna, Zeferino e o bode Orelana; tem o Ubaldo e o Cabôco-Mamadô; a feminista Zilda-Lib e o operário Orelhão – que tinha um companheiro negro, vestido como um típico malando carioca – que era utilizado em piadas que lidavam com o cotidiano da população, como a inflação e o custo dos alimentos. Havia ainda Xabu – o provocador; Ovídio – representante dos caretas; Tamanduá, o chupa-cérebros; o Preto-que-ri, que reage ao racismo com sonoras gargalhadas; o delegado Flores, que reprime às avessas; o Flautista de Ramelin, persuasivo em seus argumentos e os Três Cangaceiros do Apocalipse. Sem contar os coadjuvantes dignos de registro, como os Caverinos, os irmãos Lati e Fundi e a onça Glorinha, todos figurantes de charges no alto da caatinga. Para completar, restam as variações de Ubaldo – o Paranóico, que são: Ufaldo, seu irmão empresário; Sam, seu tio e Fonaldo, censor exclusivo do personagem.

A produção de Henfil não se restringiu aos quadrinhos. Em sua obra consta ainda um filme, uma peça de teatro, diversos livros e um quadro fixo na televisão. No filme “Tanga – deu no New York Times?”, lançado em 1988, Henfil exerceu as funções de roteirista, diretor e ator, interpretando o personagem Kubanin (cujo nome foi inspirado no anarquista russo Mikhail Bakunin). O filme passa-se em uma fictícia ilha caribenha, denominada Tanga, governada por um ditador que é a única pessoa que tem acesso diário ao jornal “*The New York Times*”. Em determinado momento, o ditador de Tanga é surpreendido por uma edição falsa do jornal que noticia de que ocorrera um golpe de estado na ilha, ao passo que os generais agem de acordo com a tal reportagem e derrubam efetivamente o governo. Por sua vez são destituídos por jovens oficiais que são derrubados por guerrilheiros bolcheviques. O desfecho da irônica trama é a invasão estrangeira, sendo a ilha cercada por navios norte-americanos.

Outras iniciativas de sucesso, para além dos quadrinhos, foram a peça de teatro “A Revista do Henfil” (em co-autoria com Oswaldo Mendes) e um programa na televisão, o TV Homem, integrante do TV Mulher, exibido diariamente na Rede Globo. O cartunista fez ainda charges animadas no “Jornal da Globo”, que eram precedidas por ácidos comentários políticos. E mesmo em um espaço não transgressor – como a TV – Henfil produzia conteúdo com uma verve crítica acentuada. No quadro TV Homem, Henfil desarrumava todo o cenário, e contracenava com o pessoal da técnica, trabalhadores humildes que eram postos para representar por um divertido Henfil (MALTA, 2008).

Dentre os personagens destinados a versar sobre a ditadura o mais notório foi Ubaldo. O personagem estava sempre de prontidão, com o receio de ser preso pelos militares. A visão das forças repressivas em todos os lugares fazia com que as histórias em quadrinhos de Ubaldo conjugassem humor e crítica na mesma situação. Foi ele, também, o personagem símbolo das charges publicadas na seção “Cartas da mãe”, na revista “Isto é”. Representava o militante partidário e comprometido com as bandeiras defendidas pela esquerda mais radical, servindo por muitas vezes como uma espécie de *alter ego* do cartunista, como será visto nas próximas seções que analisam o material em questão. As histórias em quadrinhos de Ubaldo testemunharam o fim do bipartidarismo e o surgimento de novas siglas e atores na vida política brasileira. A produção se constitui como um retrato fiel de um cenário que Henfil chamava de maionese: muitos grupos se misturando, segundo ele, de uma maneira indecorosa.

O temor de Ubaldo se justificava pela conjuntura política de 1975, ano em que o personagem nasceu; ano no qual as prisões de militantes de organizações clandestinas cresceram vertiginosamente. Ubaldo foi criado em conjunto com o crítico musical Tárik de Souza, amigo que insistira para criarem uma figura de parceria. A oportunidade surgiu em

uma viagem que fizeram juntos para o Arraial do Cabo (RJ). Quando retornaram do descanso de final de semana souberam pelos jornais da impactante morte do jornalista Wladimir Herzog, ocorrida nos porões da ditadura. O clima tenso fez com que postergassem a publicação para um momento menos arriscado. Em 1976, Ubaldo estreou nas páginas de "O Pasquim". Dentre suas características estavam fartos cabelos e bigode, ou seja, um representante típico dos hábitos da juventude engajada.

Henfil morreu aos 43 anos de idade, em quatro de janeiro de 1988. Por conta da hemofilia, o humorista necessitava de constantes transfusões de sangue. Através dessas, não só ele como seus dois irmãos, Betinho e Chico Mário, contraiu o vírus da AIDS, devido à falta de controle dos hospitais públicos sobre os doadores. Por ironia do destino, o cartunista faleceu no momento em que a Ditadura civil-militar – tão combatida por ele – também dava os seus efetivos últimos suspiros, nas vésperas da promulgação da nova Carta Constitucional.

Henfil foi viveu sob o signo do regime de exceção por toda a vida adulta e profissional. O cidadão Henrique de Souza Filho nunca exerceu o seu direito de votar para presidente, não tendo sequer visto a promulgação da nova Constituição brasileira. Porém, um fato é incontestável: a sua contribuição para essa ordem de acontecimentos foi inestimável.

### 3. D.MARIA

Maria da Conceição Figueiredo Souza, filha de Rodrigo Antônio de Araújo e Maria Augusta de Figueiredo, nasceu no ano de 1906, em Bocaiúva, na região norte de Minas Gerais. Levaria por boa parte de sua vida o epíteto de tantas outras, D.Maria, pelo qual passará a ser aqui designada.

Na infância, os traços de sua personalidade são apontados como de uma menina tímida e de educação católica. Coursou apenas o primário, sendo a única das irmãs que não saiu de sua cidade para estudar em Diamantina, cidade com mais recursos. Os únicos acontecimentos da cidade se resumiam a festas, bailes e missas. No dia oito de dezembro de 1923, casou-se com Henrique José de Souza (1895-1960), nascido em Pirapora, São Paulo, e que havia se deslocado para Bocaiúva no exercício do cargo de almoxarife da Estrada de Ferro Central do Brasil. Mais conhecido no âmbito familiar como Seu Henrique, foi um homem que acumulou experiências mercantis mal sucedidas pelo fato de não cobrar aqueles que se endividavam em suas mercearias, padarias, vendinhas, negócios, ou seja, pelos negócios nos quais se aventurou.

---

Os quatro primeiros filhos do casal vieram a óbito ainda em tenra infância. As três

primeiras filhas tiveram mortes causadas por motivos diversos: a primeira morreu logo após o nascimento; a segunda, Carmem, por complicações de problemas cardíacos; e Maria da Soledade, vítima de uma pneumonia. Apenas o quarto filho, justamente por ser menino, já trazia no sangue a marca que iria se demonstrar uma das maiores preocupações de toda a família: a hemofilia, doença exclusivamente masculina. José Maria faleceu de hemorragia, com apenas dois anos e dois meses de idade, após um acidente banal em casa.

Após a série de filhos perdidos precocemente, nasceriam três meninas, Maria Cândida, Zilah e Wanda. Novamente, seguindo uma espécie de ordem lógica, também nascera novamente um menino, Herbert de Souza, ou o Betinho. A hemofilia mais uma vez se manifestava e consigo trazia novamente o medo da morte para a casa dos Souza. Mesmo não tendo seguido os estudos, D. Maria sempre demonstrou preocupação com a educação formal de seus filhos. Costumava afirmar que essa seria a maior herança que legaria à sua prole. Exemplo de tal comportamento pôde ser observado nas diversas tentativas de seu marido em desejar adquirir uma fazenda e se dedicar aos hábitos rurais, o que prontamente era objetado por D. Maria, que insistia que seus filhos seriam criados na cidade, pois no campo não teriam oportunidade de estudar.

O denodo para que seus filhos estudassem pode ser sintetizado nas palavras de D. Maria em relato registrado por uma de suas filhas, a jornalista Wanda Figueiredo Souza, no livro “Balaio mineiro”:

Eu sempre vivo é em função dos filhos. Toda vida assim. Morava em Bocaiúva e eu pensei: não podemos ficar aqui. Lá não tinha ginásio. Disse: nós temos é que mudar pra cuidar da educação deles. Vendemos tudo que tínhamos. Pusemos as mais velhas internas no colégio (SOUZA, 2008, p. 519).

A primeira grande mudança da família ocorreu em 1938. Seu Henrique aceitou o convite para trabalhar como almoxarife na equipe de um primo de D. Maria, o político bocaiuvense José Maria Alkmin<sup>3</sup>, que acabara de assumir a direção da Penitenciária Agrícola de Neves.

Na cidade de Ribeirão das Neves nasceriam mais dois filhos: Maria da Glória, a Glorinha, que anos mais tarde seria representada como uma onça pelo irmão que viria logo após ela na ordem de nascimentos. No dia cinco de fevereiro de 1944, veio ao mundo

---

<sup>3</sup> José Maria Alkmin (1901-1974) foi um político mineiro, tendo iniciado a carreira como repórter e depois advogado, foi galgando postos dentro da burocracia e depois no legislativo, tal como Deputado da Assembleia Nacional Constituinte (1934). Foi ministro da Fazenda no governo do presidente Juscelino Kubitschek (1956-1961), primo de sua esposa e um dos responsáveis pelo seu ingresso na vida política. Esteve associado com o Governador mineiro Magalhães Pinto nas investidas contra o presidente João Goulart. Em 1964, logo após o Golpe civil-militar, foi empossado vice-presidente da República. Em 1965, se filiou à Arena, partido ao qual pertenceu até o ano de

Henrique de Sousa Filho, o Henriquinho e posteriormente, Henfil. Mais um hemofílico a requerer cuidados, agora não só dos pais, mas também das irmãs, que já se demonstravam zelosas com os meninos da família.

A hemofilia é uma doença genética hereditária que incapacita o corpo de controlar sangramentos e compromete a coagulação sanguínea; logo, quando um vaso sanguíneo é danificado, não se forma um coágulo e o vaso continua a sangrar por um período excessivo de tempo. A hemofilia trouxe grandes complicações para a família. Acontecimentos dos mais corriqueiros na vida infantil, como correr, brincar, tropeçar era motivo para preocupação com um perigo constante de sangramento. Era necessária atenção redobrada, qualquer arranhão poderia resultar em uma fatalidade, como ocorrido no episódio de falecimento do menino José Maria.

No período de 1941 a 1943, Seu Henrique exerceu o cargo de prefeito de Bocaiúva. Eram os tempos da ditadura Estado-novista de Getúlio Vargas e Henrique fora escalado para cumprir a função por José Alkmin, a fim de acalmar os ânimos na cidade que passava por turbulências de ordem política. Cabe o registro do abaixo-assinado feito pelos moradores da cidade pedindo ao Governador do Estado que mantivesse o prefeito no posto. Sem sombra de dúvida essa experiência política do patriarca da família despertou nos filhos um pendor para a política e uma inclinação pelas causas públicas.

O próximo pouso, também originado por uma indicação política de Alkmin – que acabara de ser nomeado para dirigir a Santa Casa de Misericórdia – seria a capital mineira, Belo Horizonte. Seu Henrique ocuparia o posto de gerente do Serviço Funerário.

A ida para Belo Horizonte, em 1944, se converteu em uma mudança significativa para os agora seis filhos do casal. Uma ordem ditada por D. Maria imperava na casa, o empenho nos estudos. Paralela a esse ditame, apenas outra imposição reinava na casa, o apreço pela religião. Os preceitos da Igreja Católica guiavam o ambiente da casa, onde palavras como inferno, demônio e pecado eram comuns.

Até mesmo o início da militância política, encabeçada por Betinho e seguida por muitos de seus irmãos, seria no âmbito da Juventude Católica, movimento que congregava jovens religiosos e pregava o comprometimento de seus membros em ações de transformação da sociedade. Em um sem número de vezes Henfil creditou muito de sua produção gráfica e os dilemas ali envolvidos ao medo do diabo imposto em casa por D. Maria.

---

sua morte, em 1974.

Em Belo Horizonte, foram mais dois filhos, completando assim um total de oito. Em 1946, nasceu Filomena, ou simplesmente Filó, e no ano de 1948 nasceria um menino, Francisco Mário, o Chiquinho. Mais um hemofílico para se somar às preocupações que já envolviam Betinho e Henriquinho. A ida para Belo Horizonte abriu perspectivas não apenas em termos educacionais, mas também no sentido de proporcionar melhores condições de tratamento para os filhos hemofílicos, que necessitavam de cuidados especiais e na capital mineira puderam usufruir dos avanços da medicina. Henfil resumiu bem a questão, em entrevista reproduzida no já citado livro “Balaio Mineiro”:

Ela salvou nossa vida. Lá, encontramos os recursos médicos que tornaram nossa sobrevivência possível. Meu pai era muito bem situado em Bocaiúva, tinha sido prefeito, juiz de paz, dono de cinema, padaria, e ela conseguiu que ele concordasse em mudar-se, apesar da queda significativa do nosso padrão de vida que isso acarretou (SOUZA, 2008, p. 528).

Em outra entrevista, para o número 0 do jornal *Malagueta*, em 1983, Henfil reforçaria a imagem de D. Maria como mãe protetora e que sempre almejou que os filhos despontassem:

Bom, minha mãe não é uma mineira típica. Ela é meio atípica, porque ela é do nordeste, de Bocaiúva, que é norte de Minas. Aí já muda um pouco a questão. A minha mãe é tipo mãe dos Kennedy: não importa se vão matar os filhos, ela quer é ver os filhos lá na frente. (...) Então, é uma mulher que quer a sobrevivência dos filhos – não só física, mas também cultural, política. Então ela tá todo o tempo investindo. Se você chegar aqui e começar a falar bem de mim, ela quer que você fale também do outro, do Francisco Mário, do Betinho, da Zilah. Ela tá sempre botando os filhos na frente, sabe? Botando na vitrine. Se ela pudesse, na frente da casa teria os filhos, e ela ia chamar assim: Vem cá, vem ver meus filhos como eles são legais (SOUZA, 2008, p. 564).

Em 1960, D. Maria ficaria viúva. Com a morte de Seu Henrique, que deixou uma parca pensão, a lida ficaria mais intensa. Porém, aquela década reservaria mais agruras para a mãe. A partir de 1964, com a queda do presidente João Goulart, arquitetada por um golpe civil-militar, a vida da família passaria por um turbilhão de mudanças, sendo a primeira e mais significativa, o fato de seu filho Herbert de Souza, o Betinho, ser forçado a entrar na clandestinidade.

Assessor do presidente no Ministério da Educação, principal liderança da Ação Popular<sup>4</sup> e liderança estudantil, o sociólogo passaria por um périplo ao se exilar em diversos países, tais como Uruguai, Chile, Canadá e México. Porém, cabe registrar que Betinho foi apenas a face mais conhecida das agruras da família, pois suas irmãs Glorinha, estudante do curso de sociologia e história da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) seria presa em duas

---

<sup>4</sup> A Ação Popular (AP) teve início em 1962, como um movimento político cristão, fundado a partir da militância dos integrantes da Juventude Universitária Cristã (JUC). Acompanhando o processo de acirramento pelo qual passava o país, foi declarada de inspiração socialista humanista e passou a atuar de maneira mais orgânica e combativa.

ocasiões, assim como Wanda, que foi presa por uma infundada acusação de pertencer à UNE (União Nacional dos Estudantes) e que posteriormente buscaria asilo no “aparelho” em que Betinho se escondia em São Paulo, junto a outros perseguidos do regime.

Tirante às prisões, D. Maria teve que aprender a conviver com o medo, pois diversos dos integrantes da família se destacavam no cenário nacional. Além do filho Chico Mário, que teria uma destacada produção como violonista, lançando diversos discos com críticas sociais, sem dúvida, o filho que daria mais trabalho e sustos seria Henfil, principalmente após catapultar D. Maria, já na casa dos 70 anos, à posição de personalidade nacional ao lhe arrolar como interlocutora em suas “Cartas da mãe”.

Quando questionado do por que da escolha da mãe para figurar em sua produção afirmava zombeteiro que acompanhado de D. Maria ninguém iria prendê-lo: “é como se eu estivesse escondido embaixo da saia da mãe. Tinham que passar por cima dela pra me pegar” (Henfil, 1980a, orelha do livro). Muitas vezes, Henfil imputava seu radicalismo ao comportamento da mãe, que supostamente o aticaria:

E ela tem até uma linguagem invertida pra me botar fogo: quando ela tá achando o meu trabalho meio fraco, muito leve, ela chega pra mim e fala: Cuidado heim, meu filho! Aí eu já sei: é pra tacar fogo de vez! (SOUZA, 2008, p. 564).

Além do radicalismo, também atribuía à sua mãe a não tolerância com a injustiça social, o que acabou por amadurecer sua formação humanitarista – em princípio embasada na educação católica – convertendo-a posteriormente na opção pelo socialismo. Carregada de humor, a culpa pela “transubstanciação ideológica” se deu pelo fato de sua mãe ter lhe educado com valores solidários – como o de dividir jabuticabas com os irmãos – que acabaram por infiltrar o que Henfil ironicamente intitulava como o germe do comunismo dos seus tempos de infância.

A década de 1970 representara para D. Maria o início das “Cartas da mãe”, um período embalado pelo sonho da anistia e o conseqüente retorno ao Brasil de Betinho, que se encontrava exilado. Já a década seguinte, dos anos 1980, significaria a tragédia de ver dois de seus filhos, Henrique e Chico Mário, mortos em um espaço de dois meses em 1988, pela contração do vírus da AIDS e complicações da hemofilia.

Em 1992, a morte súbita da filha Zilah, com quem morava em Belo Horizonte, se converteria em duro golpe que afetaria a saúde de D. Maria. Apenas a partida de Betinho não foi presenciada – em 1997, também por complicações diante do vírus da AIDS e hemofilia – pois, com a saúde debilitada por conta de um câncer de útero e a manifestação do mal de

Alzheimer, D. Maria morreu no dia 13 de março de 1995. Foi sepultada junto ao Seu Henrique, em Belo Horizonte, cidade que a distinguiu com o título de cidadã honorária em 1981, por representar a resistência das mães que tiveram seus filhos perseguidos pela ditadura.

#### 4. Diretas Jaz

O objetivo da presente seção é acompanhar o desdobramento do processo ensejado pelo movimento “Diretas já”, analisado na etapa anterior do trabalho. Será feito o acompanhamento do processo de transição brasileiro, que Ronaldo Costa Couto conseguiu assim sintetizar na frase “os palanques, as praças, as ruas e o Congresso, a esperança e a decepção” (LEONELLI & OLIVEIRA, 1999, p.26) que permeiam, por sua vez, o discurso de Henfil. Em um primeiro momento serão abordados os comícios, em seguida um foco maior se faz presente em questões relacionadas ao Congresso, o sentimento de esperança diante da expressão ganha pelo movimento, para em seguida, a decepção com o desenrolar dos fatos.

O termo “Diretas Jaz”, foi pinçado de uma charge do próprio Henfil (Figura 1). Intitulada de “Sou boy” – em referência à música homônima da banda Magazine, que fazia sucesso nas paradas de sucesso da época – observa-se no quadrinho o personagem Ubaldo exultante por reencontrar a figura do senador alagoano Teotônio Vilela, morto no ano anterior. Em um dos quadros, ao se preparar para desferir com a bengala em riste seu “grito de guerra”, Diretas já!, em uma reprodução do desenho de Henfil que se transformara em uma espécie de logomarca sua. Ubaldo, ciente do clima político da época e da repercussão que causaria tal gesto, tenta interromper o ato, posto que é seguido de uma multidão de pessoas que entram em cena gritando “Jaz, jaz, jaz”, dirigindo improperios como “impatriota” e “malufista”, jogando baldes de terra em Teotônio, enterrando-o novamente, como uma metáfora de que não só o político estaria morto, como também seus ideais. Suas últimas palavras são “moratória” e “constituente”, outras das bandeiras por ele levantadas. Como “gran finale”, no último quadro, no canto da página, um personagem tranquiliza o político José Sarney, bastante enfezado, dizendo “Tudo bem, Zé”.

Constantes nas Cartas da Mãe foram as tentativas feitas pelo cartunista de mobilizar o povo para lutar pelos seus direitos e se organizar. Porém, como muitas das vezes não via avanços neste campo, seu humor declinava e passava a instigar a população. Por diversas vezes, Henfil demonstrou indignação perante o comportamento do povo. Em 24 de junho de 1981, por exemplo, Henfil descreve à mãe como era feliz em lutar pelo povo, através de seus livros publicados e revistas em que desenhava. Porém, chega à conclusão: “Jeito não. O povo acabou mesmo” (Figura 2). Em seguida, ironiza que também passaria a desdenhar do povo, pois, segundo o cartunista, tal posicionamento estaria rendendo fama no momento.

As manifestações de descontentamento com o povo geralmente discorriam acerca da apatia e inércia, como, por exemplo, em carta de 10 de março de 1982, onde Henfil reclama de forma acintosa contra a não reação e ausência de solidariedade diante de assaltos. O mais emblemático não é o tema em si, mas sim como o artista já se mostra desgastado e irritado com a passividade da população, como pode se observar no trecho a seguir reproduzido: “Nosso povo é tutelado e censurado. Nosso povo é tratado como uma nação de irresponsáveis e débeis mentais e corresponde à expectativa” (Figura 3).

A ressalva que merece ser pontuada é que Henfil não se exclui e nem se exime das críticas por ele próprio desferidas. Além do sentimento de pertencimento expresso quando diz, “nosso povo”, em carta de 13 de julho de 1983, o artista vai além e conclui que o povo é canalha ao ser complacente e incapaz de reagir quando próximo da morte, ao contrário dos animais que gritam. Porém, como dito, se inclui na oração ao desferir: “canalha somos nós” (Figura 4).

Em 15 de julho de 1981, mais uma vez demonstra uma ponta de amargura, ao responder a uma suposta afirmação da mãe de que estaria pouco afetivo pelas cartas, adotando a ironia e um tom cínico no lugar, como se pode constatar no trecho seguinte: “Tem razão, ando passando pouca afetividade pelas cartas. Entreguei-me ao cultivo da ironia e do cinismo mais indecente, para quem tem por que se apresentar diante de todos se for para dar testemu nho de esperança”. Nesta carta, Henfil adota a pauta das eleições livres. Ao término, conclui que restaurou a sua afetividade ao estabelecer contato com o primo Figueiredo, como visto, alcunha adotada por ele para se referir ao presidente (Figura 5).

Em uma tentativa de esvaziamento da Emenda Dante de Oliveira, em abril de 1984, o governo tentou aprovar uma emenda à Constituição na qual fixava o ano de 1988 para as eleições diretas à Presidência da República. Porém, tal emenda não foi aprovada. O que significou mais distensões entre os defensores do regime e oposição. Se por um lado a não aprovação do texto significava uma vitória do movimento pelas Diretas Já, por outro lado, fortaleceu a ofensiva do governo pela obstrução da emenda Dante de Oliveira.

O movimento pelas Di retas manteve a sua agenda de manifestações nas ruas, realizando uma grande passeata no Vale do Anhangabaú, em São Paulo. Dante de Oliveira e Domingos Leonelli descrevem um episódio que merece destaque por sintetizar a concepção de algumas das lideranças que organizavam as manifestações. Segundo os autores do livro “Diretas já: 15 meses que abalaram a ditadura”, o político petista José Dirceu, munido de um

aparelho do tipo “walkie-talkie”, tentava em vão dar ordens para que as massas fossem contidas, não atrapalhando assim o fluxo das autoridades e lideranças presentes ao ato. A seguinte conclusão é reveladora: “era uma ordem impossível de ser cumprida” (LEONELLI & OLIVEIRA, 1999, p. 511).

Um dos elementos que mais se destaca no conjunto das cartas do período é o significado da palavra “negociação” no corpo do movimento, que era muitas vezes assinalada como um sinônimo de traição às Diretas. Cabe indicar que os comícios pelas Diretas serviram de palco para divergências no âmbito das oposições. Raros foram os momentos de trégua, como o da morte do senador alagoano Teotônio Vilela, no qual se retomou a unidade política. Algumas declarações, como a de Lula a seguir, enfeixam o arrivismo que era assistido: “A oposição não tem o direito de trair o povo. Não iremos negociar a decência e a hombridade do povo brasileiro”. (LEONELLI & OLIVEIRA, 1999, p.519).

As críticas à conciliação possuíam alvo e este era o governador mineiro Tancredo Neves. Ainda no mês de abril de 1984, Tancredo Neves fez um pronunciamento em Ouro Preto, por ocasião do Dia de Tiradentes, em que admitiu o diálogo com a facção do governo liderada pelo ministro Leitão de Abreu, sedimentando o terreno para o cenário posterior à votação da emenda Dante de Oliveira. Desta feita, contrariava o que ficou conhecido como “Pacto de Goiânia”, pelo qual as oposições firmaram o acordo tácito de só levantar alternativas ou lançar candidaturas após a votação da emenda. Como elemento agravante, Tancredo Neves proibiu manifestações após as solenidades do dia do líder da Inconfidência Mineira.

As movimentações de Tancredo encontraram resistência até mesmo em lideranças tidas como moderadas, como por exemplo, André Franco Montoro, que reagiu afirmando: “O entendimento é com o Congresso Nacional. O consenso é com o povo.” Por sua vez, Luiz Inácio Lula da Silva complementou: “A proposta de Tancredo Neves não é de governo de transição coisa nenhuma. É uma proposta de transação” (LEONELLI & OLIVEIRA, 1999, p.519). Assim sendo, o cerne da questão não se limitava ao que seria negociado, mas a quem iria negociar. Essa indagação abria flancos de disputa não só no campo governista, como na oposição. Declarações como a do deputado estadual do PDS, João Paganella, que ao sair de uma reunião com o presidente Figueiredo afirmou que ele via a figura de Tancredo como um “nome confiável”, serviam para aumentar a fogueira das disputas entre oposicionistas (LEONELLI & OLIVEIRA, 1999, p.520).

Domingos Leonelli e Dante de Oliveira demonstram a existência de uma estratégia alternativa às Diretas no bojo do próprio movimento: “Nem tudo o que estava previsto

ocorreu. Mas tudo o que veio a acontecer estava previsto, pensado e, em alguns casos, até articulado” (LEONELLI & OLIVEIRA, 1999, p.520).

À medida que a votação da emenda Dante de Oliveira se aproximava, ações de emergência postas em prática pelo general Newton Cruz, que exercia o cargo de comandante militar do Planalto, serviram para aumentar a temperatura política da capital. Tropas do Exército foram dispostas nas ruas de Brasília, contabilizando mais de 8.000 homens. A repressão a uma das manifestações, constituída por um “buzinaço” de carros, foi controlada em pessoa por Newton Cruz. A figura do general do alto de seu cavalo batendo nos carros com uma chibata reflete a tensão existente no momento e funciona como um retrato da época. A tais fatos estão somados o cerco à Universidade de Brasília e das rampas de acesso ao Congresso e a detenção do presidente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva ao desembarcar no aeroporto.

Cabe destacar que as ações não se limitavam ao espectro militar, mas possuíam a complacência de lideranças civis congressuais, como José Sarney, que viria a assumir a Presidência da República ao término do processo histórico ora observado. Em resposta às críticas de Ulysses Guimarães ao cerco do Congresso por tropas militares no dia 24 de abril de 1984, o político maranhense afirmou:

O PDS repele com veemência o radicalismo. A história nos ensina que ele nada constrói. As medidas de emergência estão na Constituição. As Forças Armadas, que as executam, exercitam um dever profissional que lhes é imposto, dentro da disciplina e da hierarquia, para preservação das instituições republicanas, que todos desejamos intocadas (LEONELLI & OLIVEIRA, 1999, p. 552).

Na data de votação da emenda Dante de Oliveira existia um misto de esperança e medo. Com as linhas telefônicas dos gabinetes do Congresso Nacional cortadas pelo aparato repressivo, os parlamentares já pressentiam qual seria o clima do dia em que a capital abrigaria “a mais importante sessão plenária do Congresso Nacional no século XX” (LEONELLI & OLIVEIRA, 1999, p. 570).

As composições para eleger o novo presidente através do Colégio Eleitoral não mediram esforços para mudar os contornos que a transição vinha ganhando num crescente de manifestações populares que irrompiam por todo o país. Prevaleceu por fim a tradição, a continuidade, ou seja, o povo alijado dos núcleos de decisão.

Em um conjunto de cartas posteriores em que Henfil radicalizou suas posições, culminou com o desentendimento do cartunista com a direção da revista, que resultaria na sua saída da publicação. Porém, tal episódio exige que se faça um recuo na história para

compreender melhor a questão. Em 29 de março de 1984, com a incorporação da revista pelo grupo Gazeta Mercantil, a redação da revista "Isto é" passou a ter como diretor o jornalista Milton Coelho da Graça. Antes de sua posse, existia tão somente o cargo de diretor de redação, ocupado por Mário de Almeida, que permaneceu no posto.

Nascido em 1930, Milton Coelho da Graça ao assumir a revista "Isto é" já acumulava passagens pelas redações de jornais como O Globo, Última Hora e diversos veículos da imprensa alternativa, o que lhe rendera algumas prisões. Outrora militante do Partido Comunista brasileiro (PCB), Milton Coelho da Graça já conhecia Henfil das assembleias do movimento sindical dos jornalistas, principalmente por ocasião da deflagração da greve da categoria em 1979, sobre a qual os dois possuíam divergências internas ao movimento.

Como visto anteriormente, após a votação da emenda Dante de Oliveira, a revista "Isto é" adotou como linha editorial o apoio à candidatura de Tancredo Neves à presidência via Colégio Eleitoral. Outro colaborador da revista, Millôr Fernandes, já havia discutido por diversas vezes com Milton Coelho da Graça por conta da proibição de críticas não somente a candidatura de Tancredo, como também ao Exército, na figura do General Newton Cruz. Millôr Fernandes recuou em seus ataques, adotando um tom de conciliação. Porém, Henfil não percorreria o mesmo processo.

Ao tentar negociar com Henfil uma trégua, Milton Coelho acabou por desferir uma afirmação que estremeceria as relações de ambos. Após Henfil enviar mais uma de suas colaborações, com mais um invariável cerco a Tancredo Neves, o editor teria afirmado: "Eu te pago para fazer humor, não para fazer política" (MORAES, 1996, p. 471). A transcrição da versão do editor encontra-se no depoimento dado pelo jornalista à Dênis de Moraes:

Henfil visivelmente não concordava com a linha política definida pela empresa para a Istoé - apoiar a luta do dr. Tancredo por uma transição democrática. Nós tínhamos a responsabilidade de executar essa orientação. Henfil começou a fazer uma série de cartuns contra tudo isso. Tudo bem, era a opinião dele e saía. Mas ele apresentou um texto que o diretor de redação, Mário Alberto de Almeida, julgou uma manifestação política de mau gosto. Consultou-me e eu achei que Mário estava absolutamente certo. Chamamos o Henfil e eu falei: 'Henfil, isso aqui não pode sair, é de mau gosto, é ofensivo ao dr. Tancredo. Por favor, faça outro. Ele rejeitou: "Não, eu não faço outro. Vocês tem que publicar este, porque não mando outro no lugar.' Nós não publicamos, mas continuamos esperando pelo novo cartum. Na semana seguinte Henfil recusou-se a mandá-lo. E assim, sucessivamente, por várias semanas, ele disse que não mandaria outro, enquanto não publicássemos aquele" (MORAES, 1996, p. 472).

A outra face da história, a justificativa de Henfil, foi publicada na edição de número 829 (29/05/1985) do jornal "O Pasquim":

Claro que pedi meu Fundo de Dignidade por Tempo de serviço e pulei fora da

Cúria Cuecona. Evidente que a revista da nova república bancária não poderia permitir que eu continuasse duvidando do dogma da virgindade da Nossa Senhora das Gerais, ou simplesmente o avô do Aecinho. Me feria a vaidade profissional ser liberado para fazer justamente aquilo que pensava ser a minha arma mais contundente, o cartum (MORAES, 1996, p. 472).

Henfil se negou a substituir o material, pois tinha como prática a não reposição de material censurado. Em certa feita, o cartunista declarou ao jornal Opinião: “o humorista tem a consciência de que só pode expressar o que sente das coisas se tiver absoluta liberdade” (Henfil, Opinião, 23/07/1976).

Após o imbróglgio de seu desligamento da revista “Isto é”, foi adotado por Henfil um trocadilho. O desenhista substituiu o título de seu livro “Diretas Já”, por “Isto era”. Segundo a sua concepção, o seu alvo, a revista “Isto é”, teria se rendido ao abrir mão na luta pelas diretas. Tal jogo de palavras significa uma síntese da época, ao demonstrar que a esperança de diversos setores da sociedade civil, organizados ou não, acabaram por desaguar em um consenso entre agrupamentos da política tradicional que optaram por uma transição conservadora e sem maiores rupturas.

O movimento “Diretas já” foi convertido em um simulacro denominado “Muda Brasil, Tancredo já”, que contou com o adesismo da quase totalidade dos grupos de interesse, partidos políticos, associações de classe e demais organizações. Tancredo Neves cometeu uma espécie de apropriação indevida ao incorporar em seu dístico a palavra ‘já’, contida no slogan das Diretas. Desta forma, como se fizesse eco com a tradicional política mineira, soube se valer de um dos maiores movimentos de massas experimentado na república brasileira. Após a tragédia anunciada da votação da emenda Dante de Oliveira, a história se repetia mais uma vez como farsa. A ação de Tancredo Neves capitalizou em proveito próprio a mobilização em torno de uma bandeira coletiva. Com a saída do povo de cena, o político mineiro pôde colocar em prática o seu “mudancismo dócil” (FERNANDES, 1986).

O centro venceu a batalha política ao conseguir construir acordos e concessões que lograram conquistar o apoio dos militares, do próprio general presidente, de setores do PDS como a ala dirigida por Antônio Carlos Magalhães e grupos empresariais como as Organizações Globo. De fora do amplo arco de alianças que incluía até mesmo os comunistas, ficaram o Partido dos Trabalhadores, que se recusou a participar do Colégio Eleitoral e, por outro lado, a direita extremista, que ficou fadada a apoiar a candidatura de Paulo Maluf. Como afirmaram Leonelli e Dante: “a grande ópera das ruas transforma-se em opereta de salão” (LEONELLI & OLIVEIRA, 1999, p.606).

A disputa no colégio eleitoral e a cruzada nacional contra Paulo Maluf acabaram por

conferir a Tancredo Neves uma supremacia para obter sua eleição à Presidência da República de maneira indireta. Em poucas palavras, o episódio pode ser assim resumido:

Tancredo recebe apoio do PMDB, renuncia ao governo de Minas, o PDS se parte, Sarney e ACM, seguindo pró-diretas e Aureliano, apoiam Tancredo. Está formada a Aliança Democrática. A sociedade se mobiliza, ou é mobilizada, por uma forte campanha dos meios de comunicação e Tancredo chega vitorioso ao Colégio eleitoral, que não tinha mais nada a fazer senão homologar sua candidatura (LEONELLI & OLIVEIRA, 1999, p.602).

Para alcançar o posto de Presidente da República, Tancredo Neves foi apoiado por um amplo arco político-ideológico, reunindo no seu entorno desde o PCdoB aos dissidentes do PDS. Por fim, esta tática se mostrou vitoriosa, com a consecução do controle político do Estado por parte da constituição da Aliança Democrática, que elegeu Tancredo Neves Presidente da República. No Colégio Eleitoral, realizado em 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves derrotou o candidato Paulo Maluf por 480 a 180 votos, em um espaço institucional articulado pela própria Ditadura, que definiria os termos do processo de transição até o seu final.

Porém, um elemento inesperado ainda iria coroar o processo de transição brasileiro. Apenas três meses depois de sua eleição, Tancredo Neves veio a falecer em 21 de abril de 1985, não chegando sequer a ser empossado Presidente de República. Essa contingência levou a assumir a Presidência o seu vice, José Sarney, justamente o político maranhense que presidiu o partido pró-regime durante a Ditadura e que afirmara um ano antes que as eleições diretas não garantiam a democracia, pois existiam países totalitários que as empregavam. O político que como presidente do PDS assinara moção em 21 de janeiro de 1983, credenciando o presidente Figueiredo como responsável por ditar os rumos do processo sucessório. Para agravar a situação, o Governo do primeiro presidente civil pós-ditadura possuía o casuísmo de ter seis ministros militares em seu Gabinete. Os oficiais da ativa permaneceram no comando do Serviço Nacional de Inteligência e uma série de medidas foi tomada de forma unilateral, como o envio de tropas para debelar greves, além do controle dos marcos constitucionais, por meio de ameaças e lobby junto a congressistas.

No artigo "O candidato da conciliação nacional", o cientista político Luiz Werneck Vianna argumentou que em oposição ao processo de abertura propugnado pelas forças democráticas, os militares optaram por um projeto de auto-reforma (VIANNA, 1984). Pode-se concluir assim que tal ideal de auto-reforma acabou logrando êxito, pois os militares conseguiram não só ditar o ritmo da transição, como também eleger um político civil do PDS (ainda que tenha migrado para o PMDB nos estertores do regime) escolhido em eleições indiretas, como também a garantia de Tancredo e posteriormente – com a sua morte – o compromisso firmado pelo presidente José Sarney de que não existiria revanchismo, ou seja, os crimes praticados ao

longo do regime não seriam investigados, e a Lei da Anistia, de 1979, seria respeitada.

Uma reflexão acerca de tais medidas será feita em seguida, no item final do presente trabalho. As considerações finais servirão como um esforço de síntese do que se constituiu o processo de transição brasileira, apontando os elementos que enfeixam a colaboração de Henfil nas “Cartas da Mãe” da revista “Isto é” e o legado ensejado pelo artista por meio de sua produção gráfica e textual.



Figura 1

# HENFIL

...ã brasileira!

VIVA!  
VIVA!  
VIVA!

Que é isto?



VIVA!  
VIVA! VIVA!

ODEIO O POVO!  
ODEIO O POVO!

VIVA!  
GRANDE!  
GRANDE!



ELE FOI CONSAGRADO  
O MAIOR  
ANTI-POPULAR DA  
ATUALIDADE...



Henfil



Mãe,

A senhora sabe. Desde bebezinho que eu faço tudo para agradar. Se os meus irmãos choravam para mamar, eu não. Eu ria para ganhar o leite. Se todos molhavam e sujavam a fralda, eu não. Eu segurava até chegar o fim de semana. Daí passei a desenhar, escrever, dançar e tocar. Só pra agradar.

Um dia derrubaram o governo eleito, os partidos e os políticos eleitos, os sindicatos eleitos, os jornais mais lidos. Passei a defender o povo. Dia e noite, jornal por jornal. Vi que aquilo agradava. Escrevi livros e revistas pelo povo, para o povo. Se soubesse cantar, cantar, eu cantaria pelo povo, para o povo. Eu vivia feliz.

Vivia, mas não vivo.

Faz tempo que abro os jornais e revistas, consulto os livros *best-sellers*, escuto a música. Nenhuma palavra pelo povo, para o povo. Pode ver. Ninguém disse, mas eu escutei o novo som: o povo acabou.

Sou mineiro, dei tempo ao tempo. Podia ser, como o boliche, a discoteca e o *roller*, uma moda temporã. Melhor não jogar fora dezessete anos de especialização pelo povo, para o povo.

Jeito não. O povo acabou mesmo.

Mas eu quero agradar e, elefante sem dentes, observo os outros para também agradar no meu tempo, hoje, Bahia, Rio, São Paulo. É mole, mãe, é mole. Basta fazer o contrário. Já temos os escritores, jornalistas, políticos e músicos famosos e cada vez mais populares por estarem desprezando o povo. Portanto, há vaga aberta para um humorista. Quero agradar, quero ser popular!

Atenção câmeras e microfones públicos, atenção manchetes dos jornais e revistas de massa. Agora eu! Abram aspas também pra mim! (Com o perdão das 100 mil senhoras paulistas.) Lá vai:

POVO! AQUI, Ó... Ó... Ó...

BABACAS!

A bênção do... quer saber, vá a senhora também!

Henfil

PS: Ei moço, quando é que vão passar na televisão, hein? Hein?

Figura 2

HENFIL

UBALDO

O paranoico

Henfil

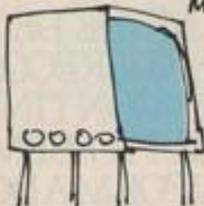
SHIBATA ASSINA  
LAUDO DA MORTE  
DE ELIS...



A NOVA CHEFE DA  
CENSURA SOLANGE  
HERNADES CORTA  
NOVELAS DA  
GLOBO!



BUZAIÐ  
NOMEADO  
MINISTRO DO  
STF!



FECHA!



Dona Maria,

Não dá para esquecer. Grudou feito poeira fina nos olhos da gente aquela cena que a televisão mostrou no carnaval da Bahia. A turista loura sendo currada em sua bolsa, colares e pulseiras no meio duma multidão acintosamente cúmplice dos trombões.

Me lembro que na hora fiquei de pé diante do aparelho. Logo me senti, impotente. Sabia que, mesmo estando lá, também não reagiria. Como não reagi um dia ao assalto selvagem a um velho senhor no centro de São Paulo, no meu nariz. Reagir como? Vi muito bem o sorriso irônico na cara anêmica de cada um dos malvestidos que se espremiavam numa fila de ônibus.

O velho estava de terno e gravata. A turista era loura. Azar deles. Para a massa, representavam alguém "rico" numa nação de miseráveis.

Chamar a polícia? Preferível o ladrão. Defender o "rico", feito um Robin Hood às avessas? Sim, senhores, não há como fugir, assistimos todos, ao vivo, via Embratel, à Guerra Civil Brasileira. Do grande olho eletrônico, instalado nas portas das nossas fortalezas de concreto, vimos os que nada têm tomando dos que muito têm.

Sim, senhores, não há como fugir. Ninguém vai acatar a lei na terra dos casuísmos, ninguém vai respeitar a ordem na terra do Riocentro, ninguém quer ser bobo na terra do exemplo que vem de cima.

Desculpe, turista loura. Nosso povo é tutelado e censurado. Nosso povo é tratado como uma nação de irresponsáveis e débeis mentais. E corresponde à expectativa.

Desculpe, turista loura. Mas nosso povo não pode organizar-se em sindicatos e partidos para reivindicar uma bolsa, um colar e principalmente uma saúde como a sua.

Estenda a mão em conciliação e leve de nós esta lição: quem não reivindica vira punguista.

Henfil

Figura 3

## HENFIL



Mãe,

Tu me ensinou a não ser covarde. Vou honrar as calças em que a senhora pregou o primeiro botão.

Ora, o Jair Meneguelli, presidente dos metalúrgicos de São Bernardo, foi finalmente enquadrado na Lei de Segurança Nacional (até quando?) por ter-se referido ao governo como canalha. Digo governo, porque o Jair nem conhece o senhor Figueiredo e se referiu a quem quer que fosse que estivesse no governo. Pois bem, o Jair assim falou do governo e vai ser enquadrado, seu corpo esquarterado, salgado e espalhado pelas ruas de Vila Rica.

Temos sido 130 milhões de covardes. Sim senhores. A senhora também. Todo mundo, todo dia, toda hora, tudo segundo, xinga o governo de nomes tão cabeludos que o dicionário do Aurélio tem sido insuficiente. Somos uma nação sublevada em palavrões. Porém um dos 130 milhões se descuidou e deixou cair a palavra de ordem nacional nos ouvidos de um gravador. Agora só este um será enforcado. E o que os 130 milhões de cúmplices fazem? Chamam o Jair de bobo por ter-se deixado pegar!

Qualé a nossa? Se temos calças e calcinhas para honrar, é hora de todos nos apresentarmos à diretora do grupo escolar para sermos todos enquadrados na mesma lei. Mas, pelo que vejo, a lei tem razão em condenar o Jair por difamação. Ele errou: canalhas somos nós!

*Henfil*



Mãe,

Faltam-nos palavras. O peru gluglu, mas nós estamos morrendo de fome, estrangulados, sem balir, mugir, zurrar ou cacarejar como qualquer animal competente sabe fazer. Qual será o pio perdido do povo? A vaia? Houve época em que o homem em extinção viajava. Mas, depois que o incrível LUF fez da vaia aplauso, o povo emudeceu impotente.

Tô aqui com problemática, não. Tô com a solucionática! Dos estádios de futebol nos chega mais uma vez a luz divina. Mas um técnico caiu inapelavelmente depois que a torcida o feriu com seu grito: BURRO! BURRO! BURRO! É irresistível, mãe. Já caíram do seu cargo, em questão de segundos, um técnico do Internacional; o técnico Dino Sani e, só no Flamengo, caíram consecutivamente os técnicos Carpeggiani e Carlinhos. O técnico do Vasco, Antônio Lopes, foi só ouvir a massa ensaiar, num simples treino: Burro! Burro! Burro!, que disparou pras arábias confessando: "É hora de ir..."

Qual o segredo, o que será que BURRO! BURRO! tem de tão mortal? Não importa. Só sabemos que funciona com a precisão de uma picada de jararaca. E isto nos basta. Vamos lá, pessoal, todo mundo, gaviões da fiel, peixeiros, PT, PDT, PMDB, flamantes e colorados, das arquibancadas para as praças e avenidas:

BURRO! BURR... melhor no plural: BURROS! BURROS! BURROS!

*Henfil*



Figura 4

## HENFIL

Durante 2 anos explodimos mais de 50 bancas de revistas em todos os estados do Brasil, sem que identificassem a autoria, apesar de avisarmos antes...



Explodimos a OAB com a secretaria e tudo: deram como autor o tal de Walters...



Aí explodimos dois dos nossos na frente de todo mundo. A imprensa deu todos os detalhes, fotos, nomes e até endereços...



E vem o governo e diz que foi a VPR!



# ÔRRA MEU! NÃO DÁ!

Revoltante!



Doi, não?





PQP! Positivo!





Henfil



Mãe,

Tem razão, ando passando muito pouca afetividade pelas cartas. Entreguei-me ao cultivo da ironia e do cinismo mais indecente, para quem só tem por que se apresentar diante de todos se for para dar testemunho de esperança.

Eu não sou o coronel Job, sou filho de dona Maria da Conceição Figueiredo Souza, de Bocaiúva. Preciso me lembrar disto.

Ainda agora, também o primo Figueiredo se encontra distante e isolado da família. E muito doente. Sem que nenhum de nós se aperceba da causa de tanto mal e faça alguma coisa para ajudá-lo. Primo é primo e o mineiro é solidário no câncer. Mesmo quando ele é pura somatização. Ou não é somatização claríssima o problema no olho e no joelho do primo?

Acho assim. Para não chorar por ter que demitir amigos, o primo bloqueou suas emoções. Ai o corpo se rebelou e simbolicamente entupiu o canal lacrimal. Pior, retendo no ar um chute que arrebate os inimigos da jurada democracia, o primo se imobilizou. Imagino ele segurando na cadeira o gigantesco impulso que seu corpo acumula dia a dia. Resultado: uma sintomática nevrite na perna direita.

Longe de mim rogar praga. Mas ou o primo abre, se libera, ou ficará entretido por mil somatizações. Por Deus, já pensou que casuismo seu corpo vai arrumar se ele bloquear eleições livres em 82? Tanto pode dar uma ridícula pelada na cabeça, quanto dolorosa artrite nas mãos, ou, então, cruz credo, uma agonizante prisão de ventre que mamão ou ameixa nenhuma vai resolver. Só eleições livres, livres, livres...

Éita! Só de liberar minha afetividade pelo primo, melhorei de uma micose que me enlouquecia desde o 1º de Maio.

A bênção do seu nenção,

Henfil

ISTOÉ 15/7/1981

Figura 5

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Para desarmar o guarda da esquina” (HENFIL, 1984, p.52). Desta maneira Henfil descrevia o objetivo das “Cartas da mãe”, que apesar de não ser o único meio de comunicação utilizado pelo cartunista no período, funcionaram como um exemplo incisivo do tipo de intervenção propugnado não somente por ele, mas por muitos artistas que se valeram do humor enquanto um elemento não só de denúncia, mas também como um canal propositivo de como o retorno à democracia deveria ser trilhado.

Parafraseando a conclusão do historiador Rodrigo Motta por ocasião de seu trabalho acerca do governo João Goulart através das caricaturas, quando se questiona se o papel crítico dos chargistas colaborou para a queda do presidente, pode-se afirmar, consoante com o posicionamento de Motta, que por mais que os chargistas não possuam tal poder, estes podem sim ajudar a minar as bases de um sistema já estremecido por outros fatores. Segundo Motta: “as caricaturas ajudaram a construir a realidade, pois influenciaram a percepção dos acontecimentos, contribuindo, assim, para impulsionar as pessoas à ação” (MOTTA, 2006, p. 180).

Utilizando as “Cartas da mãe” como uma espécie de trincheira, Henfil fazia parte de um campo de comunicadores que por meio da imprensa constituíram um discurso crítico e que, de maneira popular, se consolidaram como ícones de resistência de uma época. Por mais que o discurso político – seja por meio dos textos ou das charges – não fosse imbuído de uma estrutura teórica, pode-se perceber uma gama de reflexões presentes na obra do cartunista, como o dilema dos moldes da participação política que permearam todo o conjunto das cartas. O campo dos humoristas de esquerda, no qual Henfil está incluído, foi hábil ao satirizar campanhas e slogans do governo autoritário. E ao pretender conscientizar a população por meio do humor, muitas das vezes demonstravam o quanto de absurdo existia em determinadas deliberações palacianas. Em seu livro “História do riso e do escárnio”, Georges Minois descreveu um tipo de humor, classificado pelo autor como “sociológico”, que remete ao aqui debatido:

(...) requer a participação ativa do ouvinte, sua cumplicidade. Ele gera uma simpatia, vinda da solidariedade diante das desgraças e dificuldades do grupo social, profissional, humano. É então que se percebe a dimensão defensiva do humor, arma protetora contra a angústia (MINOIS, 2003, p. 559).

Todos os esforços de Henfil se concentravam na formulação de uma cada vez maior

conscientização por parte de seus leitores. O que estava em pauta era a transformação do que seria, a princípio, uma leitura passiva em um elemento de tomada de ação. A busca por eliminar o conformismo se constituía como uma das principais tônicas do trabalho de Henfil. Nesse sentido, por mais que existam desafios em aferir a recepção e apropriação dos discursos por parte dos leitores, pode se constatar que as “Cartas da mãe” se constituíram como um elemento de formação de opinião crítica, ao utilizar o recurso da ironia para abordar questões centrais na sociedade brasileira do período. Temas essenciais como o da representação política e os dilemas da participação civil foram discutidos de forma incessante ao longo dos sete anos de produção que enfeixam a duração da coluna na revista “Isto É”.

Através do uso da linguagem popular em seus textos e de um traço simples e direto ao desenhar, Henfil foi uma espécie de cronista dos anos que representam a transição. A interpretação dos fatos sociais através do humor e a defesa de um maior engajamento político contribuíram para o fortalecimento de um senso crítico em seus leitores.

Dentre os elementos mais constantes nas cartas, é possível destacar em um primeiro momento as críticas à censura e à legislação autoritária imposta pela ditadura e, em um momento posterior, o uso de ironias dirigidas à classe política e o acompanhamento das movimentações da classe política. Ao utilizar a ambiguidade permitida pelo diálogo a princípio pueril com a sua mãe, D. Maria, o desenhista conseguiu obter uma espécie de legitimidade para criticar os poderes estabelecidos, pois em tese, as cartas versavam sobre a relação de uma mãe com o seu filho. Ou seja, possuíam suposto caráter particular e íntimo. Essa singularidade foi bem captada por Priscila Paschoalino:

Na mistura ficcional entre os espaços público e privado, o destinatário da “cartacrônica” assume a função de “confidente” e divide com o enunciador lembranças cotidianas da família que lutou pela volta do filho exilado. O “como se” é colocado em prática pelo cronista que, em intenso diálogo com o plano social, aproxima os protagonistas da cena enunciativa por meio de comentários e avaliações de eventos comuns ao povo brasileiro (PASCHOALINO, 2009, p. 151).

Em síntese, as “Cartas da mãe” podem ser definidas como a sistematização de uma prática política não tradicional, devido à heterogeneidade que o humor carrega consigo. Seja por meio da expressão hiperbólica, seja por meio de sua variada gama de interpretações, pois um dos principais elementos do humor seria exatamente a sua polissemia. Somado a isso, está o elemento do radicalismo expresso na obra de Henfil, talvez um dos mais extremos do período, que acabou por isolá-lo parcialmente da grande imprensa após as duras críticas que fez a Tancredo Neves e aos arranjos políticos que propiciaram a derrota da emenda das Diretas Já.

No momento em que se desenvolvia a transição, o cartunista Henfil cumpriu papel semelhante ao “Velho do Restelo”, da obra “Os Lusíadas”, de Camões. O personagem, ao avistar os portugueses se lançarem ao mar em busca de riquezas, glórias e poder, aclamava que aquilo se constituía como uma aventura vã. Com sua voz pesada, advertia os perigos que a nação corria ao optar por aquele tipo de desenvolvimento incerto. Assim como o “Velho do Restelo”, Henfil apontou como duvidoso o caminho que o Brasil enveredava. Fazendo eco com as declarações do velho à beira da praia, Henfil denunciou que as engrenagens do Colégio Eleitoral se constituíam de aspectos econômicos e a busca por saciar vaidades e honras, revestidas de uma aura de suposto apoio popular.

Ao serem cotejados os posicionamentos políticos da revista “Isto é” e o do cartunista Henfil em sua coluna, se constata uma rota de colisão. As mudanças de opinião editorial da revista, que deixara de apoiar o movimento pelas “Diretas já”, refletiram na liberdade do cartunista prosseguir em suas críticas. Se por um lado Henfil resistia ao que ele denominou como um “consenso jumbo” em torno da figura de Tancredo Neves, por outra vertente, capas e uma série de reportagens da revista propalavam a eleição do político mineiro por meio do Colégio Eleitoral como a estratégia a ser seguida. Desta forma, pode se concluir que os discursos visuais e verbais de Henfil se revelavam cada vez mais críticos, enquanto os editores de “Isto é” se comportavam de uma maneira cada vez mais adesista ao campo político intitulado “Aliança Democrática”, em prol de Tancredo Neves.

Um olhar sobre a pressão editorial que minou a autonomia de Henfil em suas colaborações permite uma reflexão acerca do aspecto sutil da censura interna nos órgãos de comunicação. Os cerceamentos, nesse momento de transição política, não partiam mais do Governo Federal, ou seja, da censura oficial, posto que a série de limitações à liberdade de expressão do cartunista era originária de seus próprios colegas de redação.

O período posterior à saída da de Henfil da revista “Isto é” foi caracterizado por um alijamento do cartunista da imprensa. O advento de uma crise de depressão foi o resultado daquilo que o cartunista classificava como um desastre, que de acordo com as suas próprias palavras, foi assim designado:

Por andar na contramão, perdi empregos e fui me aproximando de algumas Chernobyl por aí. Opressão de todo lado. Comecei a achar que o errado era eu. Todo mundo estava certo. Aí, é a loucura. Fiquei de oito a 10 meses na minha casa fazendo só um cartum por dia, trabalhando apenas para “O Globo” e nada mais. Eu estava acostumado a fazer 10 por dia e ninguém me chamava para entrevista. Ninguém me chamava mais para nada (FIGUEIREDO, 2008, p. 222).

Como visto no item relativo à sua biografia, Henfil veio a falecer justamente no

momento em que todos esses aspectos convergiam. A morte do cartunista, em 1988, soa como um coroamento de suas posições, em que o desgaste com toda sorte de batalhas políticas acabou por minar não só com seu ânimo, mas também coincidiu com o agravamento das consequências do vírus da AIDS que o artista, assim como seus irmãos, havia contraído em uma transfusão de sangue.

A etapa final da vida de Henfil foi, portanto, marcada por um acirramento de suas posições. O crítico literário e cultural Edward Said (2009) afirma em seu livro "Estilo Tardio" que os artistas quando cientes da iminência de suas mortes tenderiam a exacerbar as contradições, se comportarem de maneira intransigente e ao abandono contumaz da harmonia. Estaria em pauta um aprofundamento das tensões, advindo com a consciência da falta de tempo que acompanha a iminência da morte.

O conceito de "estilo tardio", apropriado por Said de Theodor Adorno, daria conta de uma aversão à conciliação por parte dos artistas em sua fase próxima da morte. Said aponta que a diversão passaria a exercer o papel da resistência ao status quo. Segundo o autor: "No exercício do pensamento crítico individual e não conciliado reside a 'força do protesto'" (SAID, 2009, p.35).

Ao se debruçar sobre o vasto conjunto de colunas que enfeixa a produção de Henfil na revista "Isto é", pode-se registrar uma abordagem incomum de uma determinada época da república brasileira. E foi justamente o esforço por fazer um deslocamento da abordagem tradicional, sob uma lógica dos vencedores que pautou a redação deste trabalho. Ao analisar os caminhos percorridos pelo Brasil na oportunidade que teve de realizar uma transição plena, observa-se que o formato da transição posta em curso acabou por deixar um legado de lacunas a serem resolvidas.

O debate está posto e parece confirmar o vaticínio de Karl Marx, que em determinada feita atestou: "a tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos" (MARX, 1988, p.7). Esse foi um dos elementos que estimularam a realização do presente trabalho acadêmico, que ao revolver as gerações passadas tenta contribuir à sua maneira com um leque de questões que ainda se colocam em aberto.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1964-2004: 40 anos do golpe: ditadura militar e resistência no Brasil. Niterói, Rio de Janeiro, 7 letras/FAPERJ, 2004.

ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). Petrópolis, Vozes, 1984.

\_\_\_\_\_ Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo, Hucitec, 1981.

BORGES, J. L. Cinco visões pessoais. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2002.

CAMÕES, Luis de. Os Lusíadas. São Paulo, Ática, 1998.

CASTRO, Celso (org.). A volta aos quartéis. A memória militar sobre a Abertura. Rio de Janeiro, Relume-dumará, 1995.

CHAGAS, Rodrigo Pereira. A "transição transada": Florestan Fernandes e a "democratização" (1984-1994). Projeto História (PUCSP), v.41, 2010:ago/dez.

CHINEM, Rivaldo. Imprensa Alternativa, jornalismo de oposição e inovação. São Paulo, Ática, 1995.

COELHO, Edmundo Campos. Em busca da identidade: o Exército e a política na sociedade. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1976.

DIMENSTEIN, O Complô Que Elegeu Tancredo Neves? Rio de Janeiro, Editora JB, 1985.

DREIFUSS, René Armand. 1964: a conquista do Estado, ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis, Vozes, 1981.

FERNANDES, Florestan. A revolução burguesa no Brasil, ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

\_\_\_\_\_ Nova República? Rio de Janeiro, Zahar, 1986.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. 2. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

GOMES, Ângela de Castro. Culturas políticas: ensaios de história cultural, cultura política e ensino de história. Rio de Janeiro, Mauad, 2005.

GURGEL, Cláudio. Estrelas e Borboletas, origens e questões de um partido a caminho do poder. Rio de Janeiro, Papagaio, 1989.

HENFIL. Cartas da Mãe. Rio de Janeiro, Codecri, 1980a.

\_\_\_\_\_ Como se faz humor político. Depoimento a Tárk de Souza. Petrópolis, Vozes, 1984a.

\_\_\_\_\_ Fradim, 31. Rio de Janeiro, Codecri, 1980b.

\_\_\_\_\_ Diário de um cucaracha. Rio de Janeiro, Record, 1983.

\_\_\_\_\_ Diretas Já. Rio de Janeiro, Record, 1984 b.

HOBBSBAWN, Eric. Era dos Extremos: o Breve Século XX. (1914-1991). São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_ Tempos Interessantes. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

IANNI, Octávio. O Jovem Radical. In: Sociologia da Juventude - da Europa de Marx à América Latina de hoje, vol. I. BRITTO, Sulamita (org.). Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

KUCINSKY, Bernardo. Abertura, a história de uma crise. São Paulo, Brasil Debates, 1982.

\_\_\_\_\_ Jornalistas e Revolucionários: nos tempos das imprensa alternativa. São

Paulo, Edusp, 2003.

LAGO, Pedro Corrêa do. Caricaturistas brasileiros. Rio de Janeiro, Sextante, 1999.

LEMOS, Renato(org). Uma História do Brasil através da caricatura: 1840-2001. Rio de Janeiro, Bom Texto, Letras e Expressões, 2001.

LEONELLI, Domingos & OLIVEIRA, Dante. Diretas Já: 15 meses que abalaram a ditadura. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LINZ, Juan J. & STEPAN, Alfred. Transição e Consolidação da Democracia. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

MAIA, Mauricio. Henfil e a censura: o papel dos jornalistas, 1999. ECA/USP. Dissertação Mestrado.

MALTA, Márcio José Melo. Henfil: o humor subversivo. São Paulo, Expressão Popular, 2008.

\_\_\_\_\_ Les Énfants Terribles: a juventude radicalizada dos anos 60, 2004. DCP/UFF. Monografia Ciências Sociais.

\_\_\_\_\_ O Jeca na Careta - charges e identidade nacional, 2007. PGCP/UFRJ. Dissertação Mestrado.

MARX, Karl. O 18 brumário de Luís Bonaparte. São Paulo, Abril Nova Cultural, 1988.

MELO, José Marques de. A Opinião no jornalismo brasileiro. Petrópolis, Vozes, 1985.

MENDONÇA, Daniel. A vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral e a posição política dos semanários Veja e Isto É. Revista Alceu, v.5 - n.10 - p. 164 a 185 - jan./jun. 2005.

MINOIS, Georges. História do riso e do escárnio. São Paulo, UNESP, 2003.

MORAES, Dênis de. O Rebelde do Traço: a vida de Henfil. Rio de Janeiro, José Olympio, 1996.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Jango e o golpe de 1964 na caricatura. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

PASCHOALINO, Priscila. Intimidades públicas nas Cartas da mãe de Henfil. 2009. 160 f. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Letras.

PIRES, Maria da Conceição Francisca . Cultura e Política entre Fradins, Zeferinos, Graunas e Orelanas. São Paulo, Annablume, 2010.

REGO, Norma Pereira. Pasquim: gargalhantes pelepas. Rio de Janeiro, Relume-Dumará: Prefeitura, 1996.

RODRIGUES, José Honório. Conciliação e reforma no Brasil, um desafio histórico-cultural. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965

SAID, Edward. Estilo tardio. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

SALLUM, Jr., Brasílio. Labirintos: dos generais à Nova República. São Paulo, Hucitec, 1996.

SEIXAS, Roseny. Morte e vida Zeferino: Henfil e humor na revista Fradim. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1996.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: A escrita da História: novas perspectivas. BURKE, Peter (org.). São Paulo, Unesp, 1992.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). O Brasil Republicano: o tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Volume 4. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009.

SKIDMORE, Thomas. Brasil: de Castelo a Tancredo (1964-1985). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

SODRÉ, Luiz Guilherme Teixeira. O traço como texto: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

\_\_\_\_\_. Sentidos do Humor, trapanças da razão, a charge. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

SOUZA, Wanda Figueiredo. Balaio mineiro: memória de uma família brasileira. Belo Horizonte, Casa de Editoração e arte, 2008.

STEPAN, Alfred. Os militares: da abertura à nova república. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.

VIANNA, Luiz Werneck. "O candidato da conciliação nacional". Revista Presença: política e cultura, nº4, agosto/outubro de 1984.

VIANNA, Oliveira. O idealismo da constituição. São Paulo, Nacional, 1939.

#### LISTA DE FIGURAS:

Figura 1 – Isto é, 01/08/1984, p. 98, nº: 397.

Figura 2 – Isto é, 24/06/1981, p. 86, nº: 235.

Figura 3 – Isto é, 10/03/1982, p. 82, nº: 272.

Figura 4 – Isto é, 13/07/1983, p. 82, nº: 342.

Figura 5 – Isto é, 15/07/1981, p. 82, nº: 238.

RESUMO: O presente trabalho busca analisar a transição do regime civil-militar para a democracia através das "Cartas da mãe" publicadas pelo cartunista Henfil na revista "Isto é". O recorte temporal compreende os anos de 1977 a 1984, período que compreende a produção em questão e registra a época em que se deu a referida transição. A tese acompanha por meio do olhar do artista os esforços da sociedade civil e política para restituir a democracia no Brasil, percorrendo desde a luta pela anistia, o movimento pelas Diretas já e a eleição do Presidente da República Tancredo Neves através do Colégio Eleitoral. Por meio da conjugação de referenciais teóricos, históricos e o uso de fontes primárias, o trabalho se debruça sobre a maneira conservadora que se deu a transição brasileira, utilizando categorias analíticas e o discurso gráfico e verbal construído por Henfil nas "Cartas da mãe". São utilizados conceitos como o de cultura política e da "história vista de baixo", ambos sendo utilizados para demarcar no caso brasileiro uma propensão das elites brasileiras à conciliação e uma construção da história pela ótica das personalidades. A pesquisa busca ressignificar o papel de atores políticos, muitas das vezes esquecidos, ou relegados a planos secundários, ao trabalhar noções

como a de memória e esquecimento.

PALAVRAS-CHAVE: transição, redemocratização, Henfil, cartas da mãe, charges.

\* Márcio José Melo Malta é doutor em Ciência Política na Universidade Federal Fluminense (PPGCP). Professor da Unilasalle-Rj. Além disso, é chargista, assinando os trabalhos com o pseudônimo de Nico.

E-mail: [malta.marcio@gmail.com](mailto:malta.marcio@gmail.com)